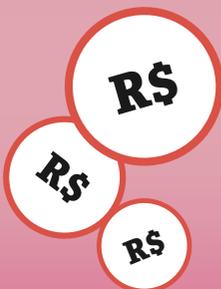


NA **PERIFA**

SÃO PAULO SEXTA-FEIRA, 22 DE OUTUBRO DE 2021

expressonaperifa.com.br



ECONOMIA

PREÇOS NAS & ALTURAS

Para garantir três refeições por dia, moradores da periferia substituem itens básicos e cortam (ainda mais) os gastos. Quem perdeu emprego e renda faz 'milagre' para equilibrar contas que nunca fecham

PÁGS. 4 e 5



O desemprego no Brasil registrou taxa de 14,1%, no segundo trimestre de 2021: 14,4 milhões de pessoas estão sem trabalho formal. Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad Contínua), do IBGE



ECONOMIA

CAMINHOS PARA ATRAVESSAR A CRISE

TRABALHO AUTÔNOMO

Para ter uma ideia, só no Rio de Janeiro, 54% dos moradores das favelas, que tinham emprego formal até a chegada da crise do coronavírus, perderam o serviço. O dado é da pesquisa Coronavírus nas Favelas: a Desigualdade e o Racismo sem Máscaras, do coletivo Movimentos. Em todo o Brasil, cada vez mais gente tenta se equilibrar em atividades autônomas. As pessoas procuram "dar um jeito". Ilustra bem essa situação um estudo da plataforma de prestação de serviços GetNinjas, que reúne profissionais que trabalham por conta própria: o número de cadastrados aumentou 209% desde o início da pandemia.

Goretti Ferreira ingressou no ramo de comida caseira para complementar a renda da casa. "A gente faz de tudo um pouco", diz Goretti. Ela tem 58 anos e mora no bairro Bom Jesus, em Porto Alegre (RS)

Desempregado, Eduardo Silva virou entregador de compras por aplicativo. "Além da pandemia, enfrentamos a crise econômica com o aumento no preço de comidas e itens essenciais." Silva tem 25 anos e também mora no Bom Jesus

As comunidades pobres foram e continuam sendo atingidas de forma muito mais radical pelas consequências da pandemia de covid-19. O cotidiano está tomado pelo verbo reinventar e por relatos de falta de alimentos, dívidas e dificuldades para pagar contas. A rigor, o estado democrático tem de garantir meios de vida digna para a população vulnerável e ajudar a frear a perda de renda entre os mais pobres. Na ausência dessas condições, as pessoas reescrevem suas histórias.

ARIEL FREITAS E EDUARDA NUNES, FAVELA EM PAUTA
CARLA COSTA E CÁSSIO MIRANDA, PERIFERIA EM FOCO

BRASIL

24,8 milhões de trabalhadores por conta própria

35,6 milhões de trabalhadores informais, ou 40% da população ocupada

Fonte: Sebrae e Fundação Getúlio Vargas

POLÍTICAS PÚBLICAS

Nascido e criado na periferia, o historiador e vereador por Porto Alegre Matheus Gomes (Psol) fala da responsabilidade de o poder público enxergar os territórios com atenção e propor alternativas concretas para as populações, a exemplo de uma renda básica permanente para a quem está em extrema pobreza. “É possível estabelecer políticas públicas que contratem ou criem vínculos com os serviços, os produtos e a economia solidária das comunidades”, afirma. O objetivo, segundo ele, não é romantizar o empreendedorismo, e sim lutar pela sobrevivência. O vereador também ressalta a importância de se discutir a reforma tributária e diminuir os impostos para pessoas que ganham até três salários mínimos.

NEGÓCIO DE FAMÍLIA

Dos seus 56 anos, Maria Madalena Félix passou quase 18 como funcionária do sistema de transporte público da região metropolitana do Recife (PE). Começou como cobrado-

ra de ônibus e foi promovida a coordenadora de terminal, na fiscalização de chegadas e partidas. Madalena foi demitida em 2020, mas tinha uma alternativa em curso: Gleysson Ricardo e Nathália Santos, filho e nora, queriam empreender e a convidaram para participar.

Juntando verbas rescisórias de Madalena e Nathália (que também deixou o emprego de babá com carteira assinada), a experiência anterior do casal em gestão e alimentação e os conhecimentos de Madalena na cozinha, o trio inaugurou em janeiro deste ano uma loja de hambúrguer em domicílio – e abrirão em breve a primeira unidade física.

A nova realidade trouxe melhores condições de trabalho e mais qualidade de vida. Sim, há alguma instabilidade de fluxo de caixa, mas a autonomia é um benefício importante. “É um bom negócio. É dinâmico e eu sobrevivo, tenho minhas coisas e minhas contas pagas e não me estresso”, afirma Madalena. “Não está tão tranquilo, mas está melhor do que antes”, completa Gleysson.

EMPREENDEDORISMO FEMININO

Uma entre milhões de brasileiras afetadas pela pandemia, Ruth Helena Costa, de 44 anos, vive no bairro Águas Lindas, na região metropolitana de Belém (PA). Com a perda do trabalho formal – ela e a filha, Carla Venancia, de 25 anos, foram demitidas de seus empregos de babá –, a família precisou buscar formas de ganhar dinheiro.

Enquanto não empreendia, Ruth fez o possível para não faltar nada em casa, até vendeu abacates do próprio quintal. Mas em agosto de 2021 elas abriram a Crioulas Preadadas, um ateliê de costura e consertos em moda feminina e infantil.

Carla tem dois filhos e conta que teve alguns direitos trabalhistas não pagos no antigo emprego. “Recebi auxílio emergencial e agora estou me reinventando com costura, já que sei mexer e tenho experiência nisso”, diz.

O negócio ainda está nos primeiros meses, mas, segundo Ruth, tem ajudado a manter a família. “Conseguo pagar a parcela do maquinário investido”, diz. “Torcemos para que esse trabalho dê certo, não só o nosso, mas os de outras mulheres que têm se reinventado e buscam uma qualificação profissional.”

Digno, justo e humano

Em 2020, a Oxfam, organização da sociedade civil dedicada ao enfrentamento da fome e da desigualdade, publicou o relatório Dignidade, Não Indigência. “O mundo precisa aprender com a crise financeira de 2008, quando governos resgataram bancos e grandes empreendimentos enquanto pessoas comuns pagaram com uma década de austeridade econômica, com cortes de gastos em serviços públicos, como saúde e educação”, diz um dos trechos do documento (...). E mais: “A fortuna dos bilionários dobrou nos 10 anos seguintes, enquanto os salários dos trabalhadores praticamente não aumentaram. Pacotes de resgate financeiro podem ser uma oportunidade para mudar permanentemente os incentivos e modelos de negócios. Com isso, é possível ajudar a promover uma economia mais humana e sustentável, na qual os trabalhadores sejam tratados de maneira justa.” Outras alternativas apontadas para conter a crise são a adoção de impostos emergenciais de solidariedade e a suspensão e o cancelamento de dívidas, sobretudo nos países mais pobres e com alta taxa de desigualdade social, caso do Brasil.

MULHERES NEGRAS

As empreendedoras mais afetadas pela crise atual

29% dos pequenos negócios parados por causa da crise são liderados por mulheres negras

27% delas têm dificuldade para trabalhar online

25% tiveram crédito bancário negado em razão do CPF negativado

Fonte: Sebrae e Fundação Getúlio Vargas

ONORTE E O NORDESTE...

...contratam menos com carteira assinada

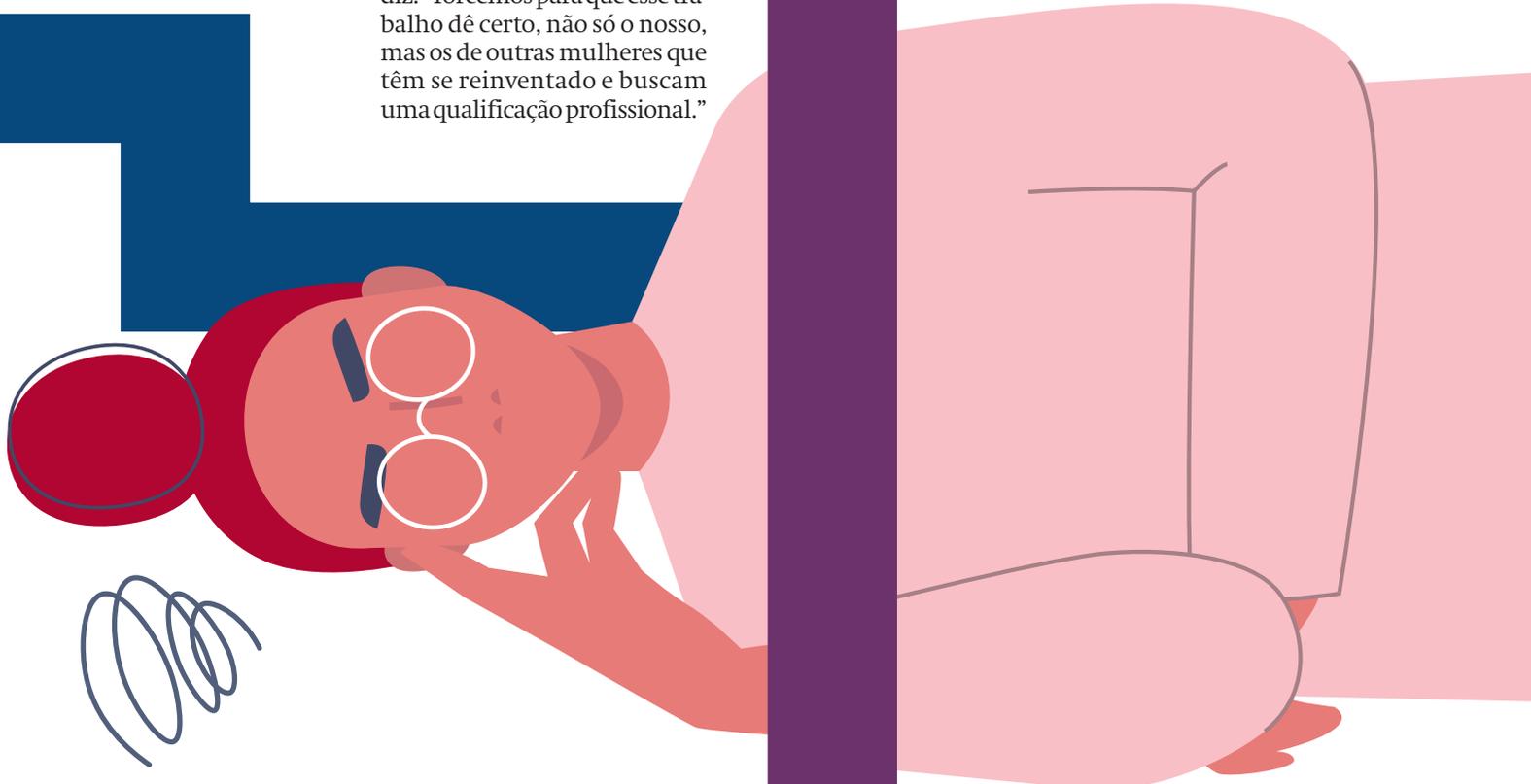
...lideram os rankings de desocupação e mercado informal

Taxa de desocupação

Norte: 14,8%
Nordeste: 18,6%

Taxa de trabalho informal e/ou autônomo

Norte: 55,6%
Nordeste: 53,3%



R\$ 100 são quase nada de feira. Então tivemos de apertar e cortar tudo, porque não há motivos para comprar se nós não conseguiremos pagar”, diz Maria Lúcia Ribeiro, professora e dona de casa

ECONOMIA

A CONTA

NÃO

FEECHEIA



No Brasil inteiro, a crise atinge com mais força quem vive longe dos centros urbanos, nas favelas e comunidades vulneráveis. No Brasil inteiro, tem gente que faz ‘milagre’ para se alimentar

Flávia Fernandes tem 36 anos e mora na comunidade da Palmeirinha, em Honório Gurgel, na zona norte do Rio de Janeiro. Mãe solteira, ela vive com os quatro filhos. Quando trabalhava regularmente como costureira em um ateliê, Flávia recebia R\$ 2.000 por mês. Desempregada há mais de um ano, viu sua renda mensal ser reduzida aos R\$ 375 do programa Bolsa Família. “Olha, vou ser bem sincera. Tento fazer milagre, porque às vezes eu junto dinheiro de um mês para no mês seguinte comprar o gás. Tive que cortar a carne e o biscoito das crianças. Muitas das vezes eu pego uma cesta básica na igreja para poder complementar com algumas coisas aqui em casa”, diz Flávia.

No nordeste, a realidade de Maria Lúcia Ribeiro, de 44 anos, desempregada e moradora de Maceió (AL), não é muito diferente. Apesar de ter feito magistério e dado aula em escolas de bairro, a professora nunca teve registro em carteira. Nos últimos meses, passou a trabalhar como diarista – e está difícil arrumar trabalho. “Não

FELIPE MIGLIANI E
GÉSSICA COSTA,
PERIFACONNECTION



Mais tempo de trabalho para comprar o mínimo

O brasileiro está trabalhando mais para comprar os produtos da cesta básica. Em julho de 2020, considerando uma jornada de 8 horas por dia, o trabalhador levava 12 dias para comprar a cesta. Em julho de 2021, esse tempo subiu: são 14 dias

chegamos a passar fome, mas, se você visitasse a minha casa antes, tinha carne suficiente para 15 dias", conta Maria. "Agora é diferente: congelador quase vazio. Se alimentando bem, mesmo, não estamos, sabe?"

Maria vive com o marido Manoel e o filho Mikael, de 12 anos, em uma casa alugada no bairro da Levada, periferia da capital alagoana. Pagam R\$ 400 de aluguel e o que sobra dos R\$ 1.100 do salário de Manoel tem de dar para a feira e as contas. Com os preços nas alturas, foi preciso enxugar os gastos para conseguir manter as três refeições diárias da família. Na geladeira, não tem fartura. Em junho, não teve festa de São João. No Dia das Crianças, nada. O lanche que Mikael leva para a escola mudou. A bolacha do tipo cream cracker – mais barata e que dá sensação maior de saciedade – entrou no lugar do biscoito recheado. Pratos preferidos do marido Manoel nos dias especiais, a exemplo de rabadá, camarão e galinha caipira, praticamente sumiram.

"Me dói ver o meu filho pedir as coisas e eu ter que negar", afirma Maria. "Ele prefere ficar em casa [a ir às compras], porque sabe que hoje não tenho como trazer nada para ele. R\$ 100 são quase nada de feira. Então, tivemos de apertar e cortar tudo, porque não há motivos para comprar se nós não conseguiremos pagar."



Números na mesa

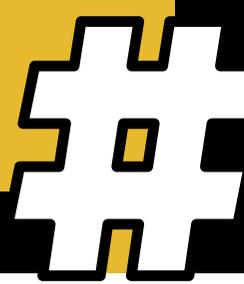
Especialistas comentam reflexos da inflação na vida dos mais pobres

As classes C e D são atingidas em cheio quando cesta básica e insumos basilares ficam mais caros – o gás de cozinha subiu 23,79% em 2021. “Arroz, óleo e carne tiveram aumento significativo que dificulta a vida da população mais vulnerável, como a de Alagoas, por exemplo, onde quase metade dos moradores são pobres ou extremamente pobres”, diz o economista Lucas Sorgato, mestre em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal).

Elementos importantes da cadeia de produção, a exemplo de gasolina e energia elétrica, interferem na inflação, nos custos da indústria produtiva e deixam os produ-

tos mais caros. Para ter uma ideia, a gasolina aumentou 51% e passou dos R\$ 7 em alguns estados, como Acre, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Tocantins. Isso afeta o frete, que afeta a entrega e o preço das coisas. Segundo Sorgato, não há perspectiva de melhora nos próximos 12 ou 24 meses, porque o mundo inteiro está importando muita comida do Brasil, principalmente a China – quando o dólar está mais valorizado do que o real o produtor prefere exportar.

Para Marcio Sales Saraiva, sociólogo e doutorando em Psicossociologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o governo federal poderia investir em estoques nacionais de alimentos e na produção agrícola familiar que sustenta a maior parte do mercado interno. Ele explica que nossa subordinação aos preços internacionais faz com que o arroz vendido no Brasil aumente sempre quando o produto aumenta lá fora. “Pagamos preços de ‘gringos’ nos mercados nacionais. A alta do dólar só amplia e agrava o problema. Não por acaso, a fila de compra de ossos, pé de galinha, pelancas, arroz picotado e etc. aumenta, algo que deveria impactar a atual gestão e fazê-la mudar a política de preços dos alimentos nacionais”, afirma o sociólogo. E conclui: “A lógica do capitalismo que privilegia a ‘liberdade do mercado’ – em vez de garantir primeiro a alimentação do povo brasileiro – é uma questão política e também uma escolha governamental.”



Muitos quilômetros até chegar ao ponto

Apesar de a cidade de São Paulo possuir uma frota de 15 mil ônibus e 1,2 mil linhas, as regiões periféricas simplesmente não têm transporte coletivo

A falta de linhas de ônibus em bairros mais distantes afeta diretamente a vida de idosos, famílias com crianças pequenas, estudantes e trabalhadores em todas as regiões da cidade de São Paulo. Além disso, na capital, 12,8% das linhas de ônibus — 163 das 1.268 existentes — não operam aos finais de semana.

Gláucia Pereira, especialista do Multiplicidade, instituto de pesquisa sobre mobilidade urbana, avalia que a criação de novas linhas é lenta e não acompanha a necessidade, principalmente em novos loteamentos nas periferias. “O planejamento foi e ainda é voltado para levar pessoas aos locais de trabalho”, avalia. “O modelo ideal envolveria ouvir a população e logo criar linhas de ônibus com capacidade e horários adequados”, analisa Gláucia.

Na Zona Norte, o vendedor Djalma Xavier Freire Júnior, 26 anos, vive no loteamento Três Cruzes e percorre a pé cerca de 5 quilômetros até o começo da Vila Queiroz, outro bairro, para pegar os ônibus que levam a Santana, Belém e Tucuruvi. “Quando o meu pai precisa fazer um exame médico, por exemplo, tenho que ir atrás de um carro”, conta Júnior.

Vários problemas

Para o vereador Toninho Vespoli (PT), falta transparência sobre os mecanismos do transporte coletivo por ônibus na cidade de São Paulo, favorecendo os empresários do setor em detrimento da população que vive

em bairros sem linhas. “Ano após ano, a prefeitura aumenta o repasse para as empresas, mas não há um interesse em divulgar as planilhas de gastos e lucros.”

Rafael Calabria, coordenador do Programa de Mobilidade Urbana do Instituto de Defesa do Consumidor (Idec), cita ainda o atraso nos debates sobre avanços no setor e a cartelização. “Donos das garagens e empresas



Getty Images

Além do preço da tarifa, que pesa muito no orçamento das famílias, os moradores das periferias precisam andar quilômetros para conseguir acesso à primeira de muitas conduções de seus trajetos diários

A frota paulistana



15 mil
ônibus

1.268
linhas

12 milhões
de habitantes

(Fonte: Rede Nossa São Paulo)

R\$ 4,40

é o preço da passagem. O valor influi na decisão de deslocamento e, por isso:

50% das pessoas já deixaram de visitar amigos e familiares;

45% deixaram de frequentar parques, cinemas e outras atividades de lazer;

37% deixaram de procurar emprego.

que fabricam os ônibus possuem controle e pressão muito grandes para determinar o custo do sistema. Existem propostas, por exemplo, para municipalizar as garagens e com isso aumentar a competitividade com novos empresários”, explica Calabria.

Os critérios para novas linhas

A SPTrans, gestora do transporte público por ônibus da cidade de São Paulo, informa que a criação de linhas considera critérios como a existência de trecho em que há um raio de 500 metros sem atendimento, inexistência de linha para a demanda local e necessidade por aumento na taxa de crescimento populacional.

De acordo com a empresa, devem ser avaliadas as condições técnicas da região (largura da via, sentido de circulação, condições do pavimento, topografia, acessos internos aos bairros e uso e ocupação do solo), além de espaço para acomodar os coletivos nos pontos inicial e final com infraestrutura de apoio aos operadores, como banheiros.

Sobre linhas desativadas no fim de semana, a SPTrans explica que algumas deixam de funcionar “em virtude da redução de demanda” e que ficam inativas as que “operam em trechos em que o atendimento é feito por outras linhas que realizam trajeto sobreposto ou similar”.

Para acessar outros conteúdos, aponte a câmera do celular para este QR code:



Tenho que fazer uma entrega,
vou pedir um

JÁ PEDI 99



**Opções que cabem no seu bolso,
para qualquer necessidade.**

99

**Se cuida,
vai de 99.**

Produção realizada respeitando os protocolos de segurança contra a Covid-19.

O Brasil já foi considerado um país modelo na erradicação da fome, mas agora está na lista das nações mais distantes de atingir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e acabar com a desigualdade alimentar até 2030

Geral, em que uma carreta azul com pias, chuveiros e vestiário estaciona em algum ponto estratégico da cidade para que os que não têm um teto tomem banho quente e recebam um pacote com toalha e produtos de higiene, além de roupas limpas, alimentos e cobertores. “Às vezes, o banho é o único carinho que a pessoa recebe; um banho de autoestima. Elas saem renovadas, felizes”, diz Vanessa Labigalini, criadora do projeto, em reportagem do **Estadão**.

Pandemia no Brasil

mais de **600 mil** mortes por covid-19

21,6 milhões casos

117 milhões

de pessoas em insegurança alimentar

20 milhões passam fome

Fontes: Consórcio de Veículos de Imprensa e Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar

EMERSON CAETANO

LGBTQIA+

Os projetos de acolhimento e ressocialização dos coletivos de inclusão social **CasaNem**, na cidade do Rio de Janeiro, e **Casa Dulce Seixas**, em Nova Iguaçu, têm ajudado essa que é uma das populações que mais sofre na dificuldade de conseguir emprego formal. Só a Casa Dulce Seixas atende 100 pessoas da Baixada Fluminense por mês. “A gente ajuda quem precisa de retificação de gênero em documentação, apoio psiquiátrico e psicológico e cestas básicas”, conta João Victor Silva, vice-presidente da instituição.

SITUAÇÃO RUA

A organização **São Paulo Invisível** distribuiu no inverno 12 mil kits de moletom, produtos de higiene, meia, luva e “itens de sobrevivência”. O co-fundador Vinicius Lima confirma o que percebemos dia a dia: o aumento dessa população é crescente. “Não temos censo, mas nas muitas histórias falam que estão na rua há um ano e meio, um ano, meses, semanas”, diz. Outra iniciativa importante na capital paulista é o **Banho pra**

DESIGUALDADE

AJUDAR, RESISTIR E SALVAR

Insegurança alimentar, desnutrição, fome e aumento da população sem moradia atingem e assombram quem vive nas beiradas do Brasil e não tem acesso ao que é básico e digno. Na luta contra a crise humanitária e a injustiça social, organizações e coalizões trabalham sem parar. Conheça algumas iniciativas

DEFENSORIA PÚBLICA

Em média, por ano, a Defensoria Pública do Estado da Bahia atende cerca de 800 pessoas que vivem nas ruas. Na pandemia já foram entregues cestas básicas para famílias nas regiões mais críticas, a exemplo de Campo de Pólvora, Mares, Aquidabã, Piedade e Itapuã.

DÁ PARA MUDAR O SISTEMA

Juliana Garcia, articuladora da campanha nacional **Tem Gente com Fome** e integrante do **Movimenta Caxias**, conta que a iniciativa é continuidade ampliada do trabalho iniciado em 2020 pelas organizações Criola e Instituto Marielle Franco, entre outras. “Se no ano passado o esforço da sociedade civil organizada impactou positivamente 45 mil famílias, em 2021 cerca de 200 mil famílias foram beneficiadas”, conta. Além do cartão alimentação de R\$ 142,50 mensais, a distribuição de cestas básicas com alimentos orgânicos mostra – com força – que dá para mudar o sistema alimentar no Brasil e quem sabe acabar com a fome até 2030, como estabelece a meta da Organização das Nações Unidas nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.



Alerta máximo

Em julho de 2021, a Oxfam, rede global de ajuda humanitária e enfrentamento da fome, divulgou um relatório em que alerta: a junção das crises climática e democrática, dos conflitos armados e da pandemia pode matar de fome 11 pessoas por minuto